



Férias sem fim ou o fim das férias?: capitalismo flexível, empreendedorismo e o estilo de vida nômade digital.¹

Patrícia Matos²

PPGCOM-UFF

Resumo

O termo “nômade digital” ou “*location independent*” foi adotado recentemente por grupos de trabalhadores do terceiro milênio que têm como propósito desenvolver suas atividades laborais ou gerenciar seus próprios negócios enquanto se deslocam. Eles se utilizam das ferramentas de comunicação digital para levar um estilo de vida móvel, combinando viagens constantes e trabalho remoto. Esse estilo de vida ganha cada vez mais adeptos no mundo todo, que compartilham do ideal de uma rotina flexível, focada na realização pessoal e equilibrando trabalho e lazer. Este artigo parte da análise da emergência do estilo de vida nômade digital, seus valores, práticas e implicações no campo do trabalho para discutir questões acerca do estágio atual do capitalismo (SENNETT, 2009; BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009), notadamente sua capacidade de moldar subjetividades e da governamentalidade neoliberal (FOUCAULT, 2008) expressa no *ethos* empreendedor que, atualmente, influencia diversas esferas da vida cotidiana.

Palavras-chave: Trabalho; Capitalismo Flexível; Governamentalidade Neoliberal; Empreendedorismo; Nomadismo Digital

Um notebook, uma xícara de café e um cenário paradisíaco: são alguns dos elementos que têm em comum as postagens que podem ser encontradas em uma rápida busca pela hashtag #digitalnomad no Instagram. Tais postagens têm o propósito de representar (discursiva e esteticamente) o dia a dia de pessoas que têm como objetivo trabalhar remotamente enquanto viajam mundo afora. O Instagram é uma das plataformas mais utilizadas pelos autointitulados nômades digitais e onde é possível

1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Consumo: cultura empreendedora e espaço biográfico do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

2 Radialista, tradutora, graduada em Comunicação Social pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e doutoranda pela mesma instituição. patriciamatos85@gmail.com.



observar como esse estilo de vida é construído simbolicamente e celebrado nos dias atuais, além de blogs, videologs, *podcasts* e páginas no Facebook. Alguns dos representantes desse estilo de vida também utilizam tais plataformas para promover *e-books*, cursos e *workshops* sobre o que acreditam ser o caminho para “deixar a rotina do escritório de segunda a sexta oito horas por dia” através do nomadismo digital.

Em reportagem da revista Forbes, o nômade digital é apresentado como um profissional que prefere um estilo de vida *location independent*,³ ou seja, sem escritório fixo e que lhe permite viajar e trabalhar de qualquer lugar do mundo (MOHN, 2014). De acordo com a publicação, “os nômades digitais estão redefinindo o que significa ser produtivo. (...) Esse estágio inicial do nomadismo digital está mostrando que as pessoas estão ávidas por construir uma cultura onde o trabalho e o lazer não apenas se equilibram mas se fundem em um único estilo de vida” (GUPPTA, 2015).

Tais trabalhadores-viajantes afirmam rejeitar a estrutura do trabalho tradicional ao incorporar horários flexíveis e viagens constantes à sua rotina. “Nômade digital é uma pessoa frustrada com o modelo de trabalho que a sociedade impõe. São pessoas que continuam prosperando em suas carreiras sem precisar estar em um lugar fechado para produzir”, afirmam Jaqueline Barbosa e Emerson Viegas, responsáveis pelo site Nômades Digitais em palestra durante a 8ª edição da Campus Party.⁴ Assim, a ideia do trabalho remoto e de viajar pelo mundo ao fazê-lo tem conquistado cada vez mais adeptos, que acreditam que a prática é capaz de proporcionar mais qualidade de vida e realização profissional.

Apesar disso, os auto-proclamados nômades digitais afirmam que a rotina de viagens e a busca por maior qualidade de vida não significa diminuição da carga horária. Muitos deles refutam o estereótipo do nômade digital que trabalha e

³ Internacionalmente o termo “location independent” é utilizado como sinônimo de “digital nomad”. No Brasil, apenas “nômade digital” é usado.

⁴ Palestra durante a 8ª Campus Party intitulada *Como ganhar dinheiro e viajar o mundo ao mesmo tempo*. A Campus Party é um evento voltado para tecnologia e comunicação digital que reúne todos os anos em São Paulo de 5 a 10 mil pessoas. A palestra está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K778kHdBbJ8>>



administra seus negócios “de uma cabana na selva ou à beira de um mar azul-turquesa”, como celebra a reportagem da BBC intitulada “*When Work Becomes a Nonstop Vacation*” (“Quando o trabalho se torna férias sem fim”, SNEDDEN, 2013) e afirmam passar até 70% de seu tempo em frente ao computador em vez de efetivamente desfrutando dos destinos de viagem que escolheram.

Proliferam sites, blogs, livros, manuais, cursos e workshops sobre o tema para aqueles que desejam adotar esse estilo de vida. Nesses materiais se nota a forte presença de um discurso empreendedor, bem como nas biografias e falas dos nômades digitais, evocando narrativas de autorrealização, inovação e aventura. Histórias de indivíduos que deixaram seus empregos formais para “investir em seus sonhos”, em “mais qualidade de vida” e em “uma vida mais livre” dão o tom do discurso que se torna cada vez mais comum.

Neste artigo pretende-se abordar o fenômeno do nomadismo digital como um exemplar eloquente de como o novo espírito do capitalismo (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009) se apoia em narrativas de auto-realização e na figura do empreendedor como modelo de cultura, criando discursos capazes de moldar trabalhadores e consumidores no terceiro milênio. Nota-se um forte apelo às características subjetivas dos trabalhadores, pautado por uma racionalidade empresarial – ainda que nem todos os nômades digitais sejam empresários – o qual podemos analisar sob a ótica da governamentalidade neoliberal (FOUCAULT, 2008). Já seu estilo de vida pretensamente fluido é consonante com o que Sennett (2009) classifica como capitalismo flexível, seus valores e exigências, como veremos a seguir.

“Você não é um rato e a vida não é uma corrida”: narrativas-projeto e o novo espírito do capitalismo.

O fato é que as pessoas querem trabalhar de forma mais flexível, diferente de como elas trabalhavam desde a revolução industrial. A ideia de trabalhar em grandes escritórios e em um ambiente corporativo não é mais **atraente** para



muita gente. Acredito que os nômades digitais são um exemplo extremo mas são um exemplo de como o mundo está mudando (Peter Wall, jornalista e co-fundador do Hubud, grifo meu).⁵

Em pesquisa realizada pelo UpWork intitulada “Digital Nomads: A Revolution in Work Freedom”, o site líder no mercado de ferramentas que conectam clientes e *freelancers* ao redor do mundo e que conta com mais de 9 milhões de trabalhadores cadastrados constatou que 74% dos entrevistados afirmaram ter feito a transição para uma jornada de trabalho menos dependente de um ambiente físico. Desses, 92% afirmaram se sentirem mais felizes após essa transição. No ano anterior a mesma pesquisa havia apontado que 72% dos entrevistados planejavam abandonar seus empregos tradicionais em prol de uma vida mais independente.⁶

No Brasil, estima-se que 12 milhões de pessoas trabalhem em regime de *home office*, segundo dados da Sociedade Brasileira de Teletrabalho e Teleatividades no ano de 2015 (MAYRINK, 2015) que leva em conta apenas aqueles profissionais com vínculo empregatício mas que trabalham remotamente. Já entre os *freelancers* (sem vínculo empregatício), o *home office* ainda é utilizado em larga escala (89% dos mais de 1000 entrevistados pela pesquisa realizada em 2013 pelo trampos.co⁷), mas cresce o número de trabalhadores que desejam ainda mais espaço e menos isolamento optando por trabalhar em cafés e outros locais públicos e dentre estes se destacam aqueles que desejam expandir também suas fronteiras. É nesse cenário que surge o estilo de vida nômade digital.

São várias as condições que parecem apontar para a expansão do estilo de vida nômade digital, tais como os avanços das tecnologias de comunicação móvel aliados ao aumento do acesso ao transporte aéreo de massa proporcionado por tarifas aéreas mais acessíveis e o crescimento de companhias aéreas de baixo custo, tudo isso

⁵ O Hubud é o maior espaço de coworking em Bali, Indonésia, e a entrevista foi concedida para o documentário One Way Ticket, produzido por e sobre nômades digitais. Disponível em: <www.digitalnomaddocumentary.com>

⁶ New Survey Results On Digital Nomads In: Upwork. Fev, 2014. Disponível em: <<https://www.upwork.com/blog/2014/02/what-is-digital-nomad/>>

⁷ Pesquisa O Freelancer Brasileiro. In: Trampos. 2013. Disponível em: <<http://tutano.trampos.co/1077-pesquisa-o-freelancer-brasileiro/>>



combinado à necessidade de alternativas aos problemas de mobilidade e alto custo de vida nas grandes cidades. Mas comum a todos os discursos é a negação de uma concepção tradicional de carreira e constante alusão à cultura da flexibilidade e do faça-você-mesmo. “É uma questão de liberdade. Você percebe que faz sentido ser nômade no momento em que enxerga que gasta quatro horas do seu dia em deslocamentos para trabalhar em algo que talvez você não goste tanto”, afirma a publicitária Débora Corrano ao *Estado de São Paulo* (AGUILHAR, 2015).

São cada vez mais comuns narrativas de pessoas que dizem ter abandonado carreiras promissoras optando pelo empreendedorismo ou por atividades de freelancer, reforçando que nesse novo estágio ou espírito do capitalismo o trabalhador não se sente mais estimulado por estabilidades e seguranças garantidas nos estágios anteriores como aposentadoria, férias, décimo terceiro salário, etc., e sim por “desafios”, “qualidade de vida” e “realização profissional”.

Figura



1: Postagem da fanpage do site *Nômades Digitais* no

Como aponta Sennett (2009), são características distintivas do capitalismo de nossa época: mercado global, uso de novas tecnologias e, principalmente, novas



maneiras de organizar o tempo, sobretudo o tempo do trabalho. Assim, o estágio atual do capitalismo se caracteriza por organizações flexíveis que também requerem trabalhadores flexíveis, tão “leves e voláteis quanto a nova economia capitalista que os gerou e dotou de poder” (FONTENELLE, 2008, p. 56). Dessa forma, se torna comum nesse estágio o ataque às formas rígidas de burocracia e aos males da rotina. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, que estejam abertos a mudanças em curto prazo e que assumam riscos continuamente. Assim, a ênfase na flexibilidade e a celebração do nomadismo apontam para uma recusa da rotina associada diretamente às formas tradicionais de trabalho. “Essa ênfase na flexibilidade está mudando o próprio significado do trabalho” afirma Sennett (2009, p.9), apontando para o uso do termo “carreira”, que surgiu na língua inglesa originalmente como uma estrada para carruagens e que depois passou a ser aplicado ao trabalho, designando o caminho das atividades de um indivíduo durante a toda a vida profissional. “O capitalismo flexível bloqueou a estrada reta da carreira, desviando de repente os empregados de um tipo de trabalho para outro” (*idem*).

Inserido na concepção tradicional (ou pós-industrial) de carreira está a noção de projeto, própria da modernidade. Por meio de seu proclamado espírito empreendedor, aventureiro, de seu trabalho fora do escritório e ideal de carreira fora dos padrões convencionais, a figura do nômade digital não só desafia a rotina do trabalho e os limites da economia da experiência, mas simboliza um ideal de indivíduo e de trabalhador no terceiro milênio. Como aponta Fontenelle, as novas gerações estariam sendo formatadas — tal qual fomos formatados para o fordismo — para essa nova forma flexível de trabalhar, de viver e de se relacionar. “Parafraseando Gramsci (1991), o pós-fordismo também não requer um novo tipo de homem, não apenas em sua relação com o trabalho, mas também na forma de sentir e viver a vida?” (FONTENELLE, 2008, p. 58). Podemos observar a presença de vários desses aspectos no Manifesto Nômade Digital, escrito por Emerson Viegas e Jaqueline Barbosa, responsáveis pelo site Nômades Digitais:



Se você está lendo esse texto agora, considere-se uma pessoa de sorte. Você está presenciando uma revolução que está mudando a forma como o mundo funciona. Por mais que ainda possa não ter percebido isso, estamos na crista da onda de um movimento global que nos próximos anos vai desconstruir a noção do que significa trabalhar e ter uma vida feliz de verdade. As grandes responsáveis por isso? **A internet e a tecnologia.**

A junção dessas duas coisas fez nascer um novo modelo de trabalho e de vida ao qual cada dia mais pessoas aderem – a possibilidade de poder trabalhar de qualquer lugar do mundo, desde que haja uma conexão com a internet.

É um momento épico: as paredes dos escritórios e as baias começam a despencar para diversas profissões. Em diversos casos, **elas já não fazem mais sentido.**

(...)

Ela [a internet] veio para ser uma ferramenta poderosa para aqueles que estão insatisfeitos com seu caminho profissional e de vida, e que desejam trabalhar e viver de outra forma. **Ela é a carta de alforria para milhões de pessoas.**

(MANIFESTO, 2016. grifos dos autores)

Impressiona o tom emocional presente no texto e que evidencia a importância do trabalho na construção de subjetividades e afetividades. Para Boltanski e Chiapello (2009) e como já apontado por Bakker (2012), isso seria o resultado de como o capitalismo em seus diferentes estágios incorporou um espírito capaz de fornecer “perspectivas sedutoras e estimulantes de vida” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009) para conseguir engajar as pessoas indispensáveis à busca da acumulação. Sendo o espírito do capitalismo “a ideologia que justifica o engajamento no capitalismo” (idem), tal ideologia estaria em constante mutação, se alinhando “às expectativas das pessoas que caiba mobilizar, segundo as esperanças com que elas cresceram e em função das normas assumidas em diferentes épocas” (HIRSCHMAN *apud* BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p.58). Logo, modelo atual de gestão do eu ou novo espírito do capitalismo se baseia no autoconhecimento e na realização pessoal e não na “falsa autonomia, delimitada pela trajetória da carreira, por definições de função e por sistemas de punição-recompensas propostos nos anos 60” (idem, p. 122).



Como aponta Bauman, o que faz com que o trabalho seja o principal valor dos tempos modernos é sua “capacidade de dar forma ao informe e duração ao transitório” (BAUMAN, 2001, p. 157). Não por acaso, suas transformações contemporâneas, associadas à transitoriedade, à flexibilidade e à mobilidade são sinais de uma transformação social. Assim, é possível perceber como no atual espírito do capitalismo a nova demanda é por supostas liberdade e autonomia que atravessam desde o relacionamento dos sujeitos com seus empregos e seu tempo à própria estrutura das empresas. Veremos a seguir como esse cenário culmina em uma cultura empreendedora e de gestão de si mesmo e como tais discursos atravessam narrativas e afetos.

“Viajar te torna melhor nos negócios”: empreendedorismo, gestão de si e o imperativo da felicidade

Mês passado recebemos um grupo de trinta estudantes de MBA de Stanford e os levamos para uma vila atrás de Hubud que estava sendo alugada pelo Hacker Paradise, um grupo que viaja o mundo trabalhando remotamente. (...) Os estudantes de MBA de Stanford trabalham nas maiores empresas do mundo enquanto os caras do Hacker Paradise são desenvolvedores, empreendedores e donos de start-ups: dois mundos completamente diferentes. Então nós apresentamos esses dois grupos um ao outro e uma das meninas de Stanford levanta a mão e diz: “Tenho uma pergunta. O que o seu chefe pensa sobre você estar trabalhando aqui, morando em Bali? Ele realmente acredita que você é produtivo, que você é capaz de entregar resultados?” E o rapaz para quem ela fez a pergunta diz: “Não, você não entendeu. Eu sou o chefe. Eu gerencio a empresa.” (Peter Wall, jornalista e co-fundador do Hubud em trecho do documentário One Way Ticket).

Como vimos, os discursos dos nômades digitais frequentemente ecoam valores ligados ao mundo do trabalho contemporâneo, notadamente a flexibilidade e a “contaminação recíproca entre criatividade e produtividade” (ALMEIDA & EUGENIO, 2011) que teve sua origem na contracultura dos anos 1960 e 1970 e se converteu em mainstream entre os anos de 1980 e 2000. Daí a existência de grupos como o Hacker Paradise que atuam como pequenas comunidades de ajuda mútua e



organização horizontal, uma certa herança da contracultura, mas com um toque neoliberal no que diz respeito aos seus valores.

Ao analisar alguns dos incontáveis recursos a que um aspirante a nômade digital tem acesso online como apostilas, cursos, *workshops*, etc., é possível notar que uma das características essenciais para se tornar um nômade digital seria a habilidade de administrar (tempo, recursos, relações, projetos e vida pessoal) e de auto-desenvolvimento. Isso evidencia o processo pelo qual “o eu se narrativiza em função de objetivos, da busca pela eficácia na gestão de si como marca, através das ferramentas disponíveis para a autoconstrução” (CASAQUI, 2010, p.6). Não é a toa que o livro mais citado por Nômades Digitais como inspiração e manual para seu estilo de vida é o *bestseller* *Trabalhe 4 Horas por Semana: Fuja da rotina, viva onde quiser e fique rico*, de Timothy Ferriss. O livro apresenta tais elementos já em sua contra-capa:

Esqueça o velho conceito de trabalho. Não espere chegar à aposentadoria para começar a aproveitar a vida. Se o seu sonho é escapar da rotina, experimentar grandes viagens pelo mundo, ter uma renda mensal de cinco dígitos ou apenas viver mais e trabalhar menos, *Trabalhe 4 Horas por Semana* é o livro que você precisa. (FERRISS, 2008)

No livro, Ferriss promete, entre outras coisas, ensinar como “passar de 40 mil dólares por ano e 80 horas de trabalho por semana para 40 mil dólares POR MÊS e 4 horas por semana”; “Como eliminar 50% de seu trabalho em 48 horas usando os princípios de um esquecido economista italiano”; “Quais são os segredos gerenciais dos CEOs que trabalham à distância” e “Como preencher o vazio e criar uma vida plena depois de eliminar dela o trabalho e o escritório” (idem).

Tudo isso aponta para outra característica da cultura do novo capitalismo apontada por Sennett: o desmantelamento das grandes instituições que para o autor leva a uma fragmentação da vida dos indivíduos. A economia passa a exigir um certo tipo de ser humano capaz de prosperar em condições sociais instáveis e fragmentárias, sempre administrando seu tempo, migrando de uma tarefa para outra e constantemente desenvolvendo novas capacitações. Esse ideal cultural só pode ser



alcançado por um tipo de sujeito que consegue desenvolver por conta própria (sem o amparo das instituições) seu próprio potencial e sua narrativa-projeto de si. Como afirma Sennett, “quando as instituições já não proporcionam um contexto de longo prazo, o indivíduo pode ser obrigado a improvisar a narrativa de sua própria vida, e mesmo a se virar sem um sentimento constante de si mesmo” (SENNETT, 2006, p. 13). Vem daí o apelo ao empreendedorismo, visto ao mesmo tempo como necessidade e solução para tal contexto de incertezas e instabilidade, como evidencia a fala de Cody McKibben, fundador da Digital Nomad Academy, sobre como as habilidades desenvolvidas como nômade digital se convertem em vantagens no mundo empresarial como um todo:

Significa aprender novas habilidades para prover para você e sua família. É não depender de um salário – ninguém pode tirar isso de você. Quer dizer, imprevistos acontecem às vezes, mas uma vez que você desenvolve habilidades empreendedoras – a habilidade de criar, produzir e agregar valor às pessoas a sua volta e para o mundo – é completamente diferente da mentalidade de empregado. Essas habilidades que vêm de tentativa e erro, acredito que elas ficam com você, é algo que você nunca vai perder. Você pode aplicá-las a novas ideias, novos negócios, novas técnicas, etc.⁸

Essa ênfase na polivalência e na capacidade de adaptar-se se insere em uma crescente valorização, no âmbito da gestão empresarial, daquilo que Boltanski e Chiapello denominam de “saber-ser”, em oposição ao “saber” e ao “saber-fazer” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 131), ou seja, uma ênfase nas habilidades subjetivas e cognitivas dos trabalhadores, inatas ou adquiridas que lhe constituem e/ou são passíveis de ser capitalizadas. Tal aspecto, que também podemos entender nos termos descritos por Foucault (2008) como capital humano, se faz bastante presente nos conteúdos e narrativas produzidos por nômades digitais sobre seu estilo de vida, quase sempre com o intuito de servir de inspiração a outras pessoas que desejam seguir o mesmo caminho.

⁸ Eight years as a Digital Nomad. Depoimento de Cody McKibben disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MVSbdeKArul>>



Jason Moore e Travis Sherry, fundadores do Location Indie (“Uma comunidade para ajudar pessoas a arrasar nos negócios e viagens”⁹), falam em seu *podcast* de mesmo nome sobre empreendedorismo, cultura digital e viagens, compartilhando suas histórias e as vantagens e desvantagens do estilo de vida *location independent*. No episódio 11 do *podcast* Location Indie, Travis e Jason enfatizam a viagem como um valor. “Viajar te torna melhor nos negócios”, dizem, afirmando que o que transforma a viagem em um capital é “toda a inspiração [adquirida durante a viagem] que você pode investir no seu trabalho”. Ou seja, sequer os momentos de lazer são destinados ao lazer propriamente dito mas atuam em função desse “saber-ser”. Em outro episódio, Travis compartilha sua angústia por ter retornado de uma *road trip*¹⁰ que, para ele, não havia sido produtiva o suficiente:

Travis: A razão de termos feito uma *road trip* em vez de ir a algum lugar exótico como o Marrocos, que era o plano original, era para que pudessemos produzir, nos exercitar, viver esse estilo de vida *location independent* com sucesso (...) Mas eu não tive muito controle. Nós trabalhamos, mas eu me senti sem equilíbrio, senti que definitivamente não estava organizando meu tempo com sucesso. (...)

Jason: Mas vocês fizeram uma transição? Porque às vezes você só precisa de férias, sabe? Você pode tirar vantagem do estilo de vida *location independent* mas às vezes você só precisa de uma pausa de tudo e simplesmente viajar, por isso nós fazemos isso. Então vocês fizeram a transição para um estado de espírito apenas de viagem e disseram “F-se” para o trabalho?

Travis: Sim, mais ou menos...

Jason: Então isso é bom! Não se sinta culpado!

(Location Indie Podcast. Episode 019: Guilty As Charged? You Be The Judge. Apr 29, 2016)

Durante a conversa Jason menciona que haveriam duas perspectivas sobre a questão: uma que consideraria que Travis não obteve sucesso por não ter alcançado

⁹ locationindie.com

¹⁰ Uma road trip é uma viagem relativamente longa feita de carro, bastante comum nos Estados Unidos.



um “equilíbrio” entre trabalho e lazer (que nada mais seria que a capacidade de dividir e administrar seu tempo de maneira produtiva) e outra que considera o tempo do lazer como revigorante e essencial para o tempo do trabalho. Qualquer que seja a perspectiva, nota-se através do diálogo entre Travis e Jason a necessidade que os indivíduos sentem de administrar suas vidas e rotina de maneira a torná-las o mais produtivas possível e o estilo de vida nômade digital se mostra uma extrapolação disso.

O conflito vivido por Travis entre aproveitar sua viagem e ser produtivo traz à tona uma contradição essencial do estilo de vida nômade digital: a busca pela “liberdade” que traz consigo os desafios e ansiedades da gestão de si. Isso por que “é através da liberdade e autonomia dos trabalhadores que se instaura um novo poder sobre eles” (BAKKER, 2012, p.54), qual seja, o poder classificado por Foucault (2008) como governamentalidade neoliberal. Vemos, portanto, uma produção de si diferente daquela apontada por Marx como o trabalho estranhado, da não identificação do homem com sua produção (CASAQUI, 2010) e sim uma concepção da força de trabalho como um capital que pertence ao trabalhador (FOUCAULT, 2008) e que ele mesmo deve construir, fazer gerar rendimentos e administrar tal qual uma empresa, tornando-se, assim, um empreendedor de si mesmo.

Nesse momento de gestão do “eu” como produto no mercado das subjetividades, projetar-se como pessoa “dinâmica” e que aproveita a vida se torna um verdadeiro imperativo da felicidade, na definição de João Freire Filho (2010). Para o autor, o *ethos* contemporâneo — que preconiza a flexibilidade (adaptar-se a cenários sempre instáveis e cambiantes), a autonomia e a performance (ser produtivo até mesmo quando se está em “férias permanentes”) — leva ao apelo a uma “felicidade compulsiva e compulsória (...) cujo denominador comum mais notável é a ênfase na responsabilidade, na escolha e na transformação individual — princípios diletos da governamentalidade neoliberal” (FREIRE FILHO, 2010, p. 1). A felicidade se firma, assim, como um “projeto de engenharia individual” (p. 13) e, nesse sentido, mais uma imposição do que uma escolha.



Figura



“Empregos preenchem seu bolso. aventuras preenchem sua alma”.

Como afirma um entrevistado em matéria da BBC: “As pessoas mais felizes que conheço são autônomas e estão vivendo sob seus próprios termos, em contraste com a vida em uma caixa de sapato e menos de duas semanas de férias por ano.” (SNEDDEN, 2013). Mas se observamos o conflito vivido por Travis mencionado anteriormente podemos questionar em que medida o discurso da felicidade aliada à flexibilidade se verifica ou se a responsabilidade por administrar tantos aspectos da própria vida não é, na verdade, fonte de ansiedades já que a sensação de “sucesso” parece vir apenas da administração do tempo das atividades cotidianas.

Considerações finais

O interesse pelo estilo de vida nômade digital tem aumentado exponencialmente nos últimos anos com diversas reportagens, sites, cursos, *workshops* e livros dedicados ao assunto. Em uma análise preliminar de parte do conteúdo produzido por e sobre o estilo de vida nômade digital foi possível perceber como o discurso contemporâneo acerca da flexibilidade no trabalho e da realização pessoal ecoa valores consonantes ao novo espírito do capitalismo e a uma



governamentalidade neoliberal. Esse fenômeno também evidencia como as narrativas de empreendedorismo atravessam diversas esferas da vida cotidiana se tornando um modelo de cultura intrínseco ao capitalismo flexível.

Tal discussão trouxe à tona uma contradição essencial no interior das narrativas-projeção dos nômades digitais: a busca pelo “equilíbrio” entre trabalho e lazer que, na verdade, revela a ansiedade da administração do tempo e necessidade de governar o cotidiano aqui expressa na dualidade entre o emprego “de 9 às 5” e a vida de viagens constantes. Dessa forma, apesar de o discurso dos nômades digitais celebrar a vida flexível de férias permanentes, é questionável em que medida não estaríamos presenciando o surgimento de um regime de trabalho 24/7.

Referências

AGUILHAR, Lígia. ‘Nômades digitais’ trocam rotina por vida de viagens e trabalho online. In: **Estadão**. São Paulo, 4 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/nomades-digitais-trocam-rotina-por-vida-de-viagens-e-trabalho-online/>>

BAKKER, Bruna Werneck de Andrade. **Trabalhando para si: felicidade e capital humano no cinema dos anos 2000**. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BOLTANSKI, Luc. e CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BOURROUL, Marcela. Ganhar dinheiro viajando o mundo? Eles garantem que dá. In: **Época Negócios**. Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Inspiracao/Carreira/noticia/2015/02/ganhar-dinheiro-viajando-o-mundo-eles-garantem-que-da.html>>

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CASAQUI, Vander. Significações do trabalho nas narrativas do eu: estratégias comunicacionais da marca Nextel na campanha “Bem-vindo ao Clube”. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação-E-Compós** (Brasília), v. 13, n. 2, 2010.



FERRISS, Timothy. **Trabalhe 4 horas por semana**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978 - 1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE FILHO, João (org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010.

GUPPTA, Kavi. Digital Nomads Are Redefining What It Means To Be Productive. In: **Forbes**. Washington, 25 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/kaviguppta/2015/02/25/digital-nomads-are-redefining-what-it-means-to-be-productive/>>

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. 2007.

MANIFESTO Nômades Digitais. Em: **Nômades Digitais**. Disponível em: <<http://nomadesdigitais.com/comece-por-aqui/>>. Acessado em 15 de abril de 2016.

MAYRINK, José Maria. Brasileiros aderem ao home office. Economia & Negócios In: **O Estado de São Paulo**. Agosto, 2015. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,brasileiros-aderem-ao-home-office>>

MOHN, Tanya. How To Succeed At Becoming A Digital Nomad. In: **Forbes**. Washington, 19 de março de 2014. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/tanyamohn/2014/03/19/tips-for-becoming-a-successful-digital-nomad/>>

New Survey Results On Digital Nomads. Upwork, 2014. Disponível em: <<https://www.upwork.com/blog/2014/02/what-is-digital-nomad/>>

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SNEDDEN, Megan. When Work Becomes a nonstop vacation. In: **BBC**. Londres, 30 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.bbc.com/capital/story/20130829-when-work-is-a-nonstop-vacation>>

SPINKS, Rosie. Meet the 'digital nomads' who travel the world in search of fast Wi-Fi. In: **The Guardian**. Londres, 15 de junho de 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/cities/2015/jun/16/digital-nomads-travel-world-search-fast-wi-fi>>

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2009.